

Daniele Noal Gai
Wagner Ferraz (Orgs.)

parafernalias II

Currículo, cadê a poesia?

educação - saúde - artes

INDEP 

processo^{C3}
www.processoc3.com



Daniele Noal Gai

Wagner Ferraz

Orgs.

**PARAFERNÁLIAS II:
Currículo, cadê a poesia?**

1ª Edição

Porto Alegre

INDEPIn

Copyright © 2014 Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz

Organizadores:

Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz

Projeto Editorial:

INDEPIN - Miriam Piber Campos
Processo C3 - Wagner Ferraz

Capa:

Anderson Luiz de Souza

Layout:

Wagner Ferraz

Diagramação:

Diego Mateus e Wagner Ferraz

Revisão:

Carla Severo Trindade

INDEPIN Editora - Coordenação Editorial
Miriam Piber Campos e Wagner Ferraz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G137p Gai, Daniele Noal
Parafernália II: currículo, cadê a poesia? / Daniele Noal
Gai e Wagner Ferraz. – Porto Alegre: INDEPIN, 2014.
130 p.

ISBN 978-85-66402-14-8

1. Educação - currículo. 2. Poesia. I. Ferraz, Wagner.
II. Título.

CDU 37.017

Bibliotecária Responsável: Ana Lígia Trindade CRB/10-1235

2014
INDEPIN
www.indepin-edu.com.br

E SE UM DIA ALGUÉM OU ALGUM CURRÍCULO PERGUNTAR “Cadê a poesia?”

Luciano Bedin da Costa¹

1. Professor de Psicologia da Faculdade de Educação da UFRGS e amigo/admirador do Parafernália. bedin.costa@gmail.com

Currículo, cadê a poesia?

Há tempos venho pensando em uma forma de deixar minhas aulas mais leves, um tanto mais atraentes. Esta talvez seja uma preocupação de quase todos os professores, ao menos daqueles que procuram fazer de suas aulas uma experiência de prazer capaz de produzir sentido aos que delas participam. A leveza, entretanto, não me parece ser um estado, um talento ou uma dádiva, mas uma conquista. Há que se trabalhar e muito para uma ponta de leveza possa ser puxada. Do contrário, a velha trama dos dias pesados, aula após aula, instante esmagando instante. É deste ponto que gostaria de partir.

Quando, em 2013, fui convidado para o seminário organizado pelo Parafernália, logo me senti convocado pelo título, “Currículo: cadê a poesia?”, questionamento que também dá nome a este livro. O enunciado me pareceu provocativo e tanto. Na época do convite fiquei com muita vontade de conversar com Daniele, Wagner e Liliâne, os organizadores do evento, para saber o porquê de um título como este. Lendo-o, fico com uma estranha sensação. Quem pergunta pela poesia neste título? No caso de ser o currículo, parece-me que há um desejo, nele, de que a poesia apareça. Todavia, há uma outra forma de compreensão quando, ao invés de perguntar pela poesia, ao currículo é perguntado. Esta segunda perspectiva me leva a pensar em algo ou alguém que, indignado, solicita do currículo uma posição, um partido diante daquilo que é poético. Interessante como um mesmo enunciado pode apresentar posições tão diferentes. De um lado, um currículo desejante, solicitando poesia. De outro, um currículo que desta se esquiva. De antemão, confesso que não tenho uma opinião plenamente formada. Ora acho que estamos muito distantes de uma poesia nessa vida curricular, ora acho que ela está, sim, muito

Parafernália II

presente. Para esta questão confesso que sou plenamente instável. Depende da perspectiva, do dia e da aula.

Ao pensar num currículo poético, meu ímpeto foi o de tentar encontrá-lo numa espécie de 'jogo de caça poesia,' procurando identificar experiências poéticas no interior das aulas, tentando mostrar, ou melhor, provar ao leitor, a sua possibilidade. Algo como 'vejam isto que eu fiz... É possível!'. Entretanto, isto me pareceu bastante egóico, fazendo da poesia uma competência para poucos, o que efetivamente penso não ser o caso. Pergunte a um professor (que ainda acredita em educação) sobre experiências criativas bem sucedidas e ele provavelmente lhe relatará uma centena delas. A poesia, entretanto, irá lhe parecer um caso para poucos, algo exemplar, um instante extra/ordinário. Isto, na minha opinião, reforça o estereótipo de que a beleza, ou mesmo a leveza, é um caso para poucos, aos mais sensíveis, criativos ou bem preparados para as letras. Se formos encarar a poesia a partir deste viés, teremos uma tonelada de professores excluídos, que se dizem desacreditados, sem expectativas, nihilistas, enfim. Uma maneira de tentar sair desse caça poesia num currículo, dessa caça a experiências poéticas no cotidiano das aulas, seria pensarmos na função poética em um currículo, na função da poesia dentro de um currículo. Mas um questionamento como este nos leva a outros problemas. É preciso recuarmos um pouco e pensarmos se é necessário a poesia ter mesmo uma função. Ou, antes, o que seria isto que aqui estamos chamando de poesia? E o currículo, onde entra nisto tudo? Tratemos agora de decifrar estas três questões.

Na parte I de *O livro das ignoranças*, o poeta Manoel de Barros (2010, p. 300) nos dá pistas acerca do que chama de *Uma didática da Invenção*.

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.

Curriculo, cadê a poesia?

Com sua simplicidade extremamente desconcertante, o poeta nos joga ao que me parece ser a função mais nobre do exercício poético. Ao invés de embelezar o mundo, de servir como cosmética para a vida, a poesia operaria justamente no caminho oposto. Sua função seria a de embaralhar as coisas, de abri-las e mostrar que o dentro é também o que habita o fora do mundo, e vice-versa. Em outras palavras, o poético me parece justamente isto que se situa no entre-sentidos das coisas, na cutícula da significância (COSTA & NOAL, 2012), limite entre o real e o fabulado. Sua lógica se torna, pois, menos atributiva (algo que atribui nomes às coisas e sentimentos), e mais distributiva, pulverizando fragmentos que não se totalizam, peças de um quebra-cabeça que nunca oferecerá uma imagem total. Ao distribuir sentidos ao mundo, sua lógica se torna também conjuntiva, assim como a Natureza compreendida pelos epicuristas: "ela se exprime em 'e' e não em 'é'. Isto e aquilo: alternâncias e distrações, nuances e arrebatamentos" (DELEUZE, 2003, p. 274). O poético, ao invés de atrair as coisas em torno de um sentido – de uma metáfora ou imagem metafísica do mundo – é o que distrai, que opera disjunções, "capa de Arlequim toda feita de cheios e vazios" (Ibidem, p. 274). Neste sentido, ao invés de meramente bonito, o poético é algo perigoso, ao que Ana Martins Marques (2009, p. 22) soube tão bem explicitar:

Se os professores soubessem
dos riscos
não mandavam escolares escreverem poesia.

Ao contrário
nos livros de poesia
deveria estar escrito:
não tente fazer em casa

Ana Martins Marques, *Lição de Casa*

Parafernália II

Se a poesia, perigosa que é, não deve ser assim tentada indiscriminadamente, é porque seus riscos podem ser demasiadamente corrosivos. Todavia, o que estou tentando aqui desenvolver é uma ideia de poesia que extrapole a forma poética propriamente dita, esta a que temos acesso nos manuais literários e nas gramáticas tradicionais. Para além, ou aquém, de uma estrutura ou forma escrita, a poesia me interessa enquanto operadora de movimentos – sejam estes escritos, musicais, gestuais ou mesmo de pensamento. Isto talvez fique mais claro na crítica/orelha de Heloísa Buarque de Hollanda a *Rabo de Baleia* de Alice Sant'anna (2013): “a poesia pontua e modula seu dia em vários tons e intensidades. Sempre com urgência”. Penso na experiência poética a partir deste triplo movimento: pontuação, modulação e urgência, movimentos que, ao invés de sequenciais, operam por circularidade. Ao se dar no coração do cotidiano, o poético se faz, ou se revela, na medida em que há uma paragem, em que uma imagem (mesmo que esburacada) atravança o livre correr das coisas, imagem-breque, pontuação. Pontiagura que é, esta imagem breca o que parece ser a feição do cotidiano, ou seja, sua repetição incessante de instantes. De acordo com Blanchot (2007, p. 235), numa primeira instância “o cotidiano é aquilo que somos, em primeiro lugar e o mais frequentemente: no trabalho, no lazer, na vigília, no sono, na rua, no privado da existência. O cotidiano somos nós mesmos costumeiramente”. Entretanto, isto que somos parte de duas ordens distintas e por vezes intercambiáveis: se, por um lado, somos este cotidiano, esta soma de dias e noites e instantes reconhecíveis, fizemos também parte de uma vida oblíqua que atravessa qualquer tentativa de explicação, que nos extravasa e que nos torna ‘incabíveis’ diante dos dias a que fazemos parte. Trata-se, segundo Blanchot (2009, p. 237), de uma relação sem-relação, de dois lados que se encontram para atestar seus próprios desencontros: “os dois lados sempre se encontram, o cotidiano com seu aspecto fastidioso, penoso e sórdido (o amorfo, o estagnante), e o cotidiano inesgotável, irrecusável e sempre inacabado e sempre escapando às formas e às

Currículo, cadê a poesia?

estruturas". Em outras palavras, o que Blanchot quer nos dizer é que o cotidiano tem um traço fundamental, o de não se deixar apanhar. "É nisso que ele é estranho, o familiar que se descobre (mas já se dissipa) sob espécie do extraordinário" (Ibidem, p. 237). O poético, ao nutrir-se das entranhas do cotidiano, revela-se neste extra/ordinário da ordinariedade do tempo, da cronologia. Ele não está fora da sequência dos dias comuns, como também não é o comum tornado extraordinário. O poético se faz a partir de um encontro, de um dentro-fora do cotidiano que retira o homem de seu anonimato-coletivo, colocando-o em um lugar onde ele somente se reconhece sob doses de espanto. "O cotidiano é o movimento pelo qual o homem se mantém como que à revelia no anonimato humano. No cotidiano não temos mais nome, temos pouca realidade pessoal e quase não temos figura" (Ibidem, p. 241). Quando se está imerso ao cotidiano, é da ordem do homem qualquer que se vive, um homem qualquer que não sou nem eu e nem o outro, ou antes, um incessante *nem-eu-nem-outro*, fantasmagórica presença sem possibilidade de reconhecimento dialético ou mesmo de escape. Pontagudo, o instante poético retira-nos da letargia a que estamos submetidos, jogando-nos a um espaço onde se existe somente enquanto potência, na cutícula entre aquilo que se é e o que está em vias de vir a ser algo. No entanto, sendo extra/ordinariedade do ordinário, ao cotidiano o poético continua presente. Ao *pontuar* a força daquilo que se desprende do ordinário (movimento 1), o poético afirma este mesmo ordinário, devolvendo-lhe uma espécie de pulsação, *modulação* (movimento 2), esta da ordem do instante, desse quase e incapturável momento a que temos acesso sempre em estado de *urgência* (movimento 3). Em outras palavras, o poético é o *rabo de baleia* dos dias comuns, tão bem dramatizado na poesia de Alice Sant'anna (2013, p. 7):

UM ENORME RABO DE BALEIA

cruzaria a sala neste momento
sem barulho algum o bicho

Paraferrnáticas II

afundaria nas tábuas corridas
e sumiria sem que percebêcessos
no sofá a falta de assunto
o que eu queria mas não te conto
era abraçar a baleia mergulhar com ela
sinto um tédio pavoroso desses dias
de água parada acumulando mosquito
apesar da agitação dos dias
da exaustão dos dias
o corpo que chega exausto em casa
com a mão esticada em busca
de um copo d'água
a urgência de seguir para uma terça-feira
ou quarta boia, e a vontade
é de abraçar um enorme
rabo de baleia seguir com ela

Pontagudo, modular e urgente, eis o rabo de baleia do cotidiano. Tendo delineado estes três movimentos, resta-me mostrá-los de que forma eu os vejo no cotidiano curricular. Para isto, farei uso de Joan Brossa, poeta catalão, o qual me parece apropriado para se pensar a relação entre vida ordinária e poesia. De uma forma brusca e um tanto precipitada, diria que a produção poética de Brossa nos coloca diante dos limites da própria poesia tomada como linguagem. Seus poemas-objeto desafiam e tensionam o sentido da língua enquanto ferramenta poética. O poeta passa a ser, não somente aquele que escreve (*sujeito scriptor*), mas, sobretudo, aquilo que vê e que sente (*operator poético*). "Querida fazer poemas que não gerassem linguagem, mas que a suprimissem" (BROSSA, 2005, p. 105). O exercício poético se torna, então, experimentações do olhar; ao invés da inspiração (herança romântica), a exploração da coisa-vista, esta que se apresenta no ralo dos dias e que nos parece já saturada, esmagada pelo uso comum que dela se faz. O poético já não é mais a linguagem tornada nobre, propriedade de

Currículo, cadê a poesia?

poucos, mas isto que potencialmente se oferece no cotidiano, sua ponta mais desterritorializada, componente de passagem. O poeta não mais será aquele que sai em busca das melhores e mais bonitas e mais rebuscadas palavras, mas aquele que justamente as suprime, que explora os sentidos da coisa-sentida para daí fazer emergir uma imagem ou, quem sabe, uma palavra.

ESTE POEMA, VEJO-O ASSIM

58 cartas de baralho
28 pedras de dominó
Um par de luvas
As 4 fases da lua
84 semanas
2 vagões de funicular
As 7 maravilhas do mundo
5 notas musicais
5 continentes
2 dados
3 dias de carnaval
26 letras do alfabeto catalão
24 horas
Coleção de 12 cromos
Os 9 planetas
12 províncias da Espanha
Fechado de 1 às 3
O Sputnik III completou 10.000 voltas
em torno da Terra.
Brossa (2005, p. 79).

Um dia, numa aula qualquer de Psicologia da Educação, após lermos o poema acima de Brossa, pedi aos alunos que vasculhassem suas mochilas e que fizessem uma lista das coisas ali encontradas. A ideia, expliquei, é a de que construíssemos uma poesia a partir das coisas achadas. Caras feias, entendidas, afinal,

Parafernália II

como bem disse uma aluna: 'nunca fui boa com essa história de rima'. No entanto, quando pedi que lessem para o grupo suas listas, um sorriso ali, um 'uau' acolá. Mesmo que por instantes surpresos – com a sonoridade e encadeamento das coisas encontradas e lidas – uma expressão de frustração e tédio por se julgarem muito pouco poetas. O rabo de baleia ali foi curto, faltou-nos duas, três ou mais boas, foi o que pensei. A expressão poesia os assustou e quase ninguém acabou 'encontrando' algo. Por vezes é preciso minar a poesia para que o poético apareça.

Retornemos, pois, ao enunciado "Currículo: cadê a poesia?". Ao invés de pensarmos em uma função poética do currículo, seria mais interessante tomarmos a poesia enquanto operador. No poema de Manoel de Barros citado no início deste texto, mesmo desinventando o pente, dá-se ao objeto uma função de não pentear. O problema da função é que esta comporta uma espécie de tirania, a de colocar dois termos, um em função de outro, relação hierarquizada e objetificada – no caso em questão, a poesia em função do currículo. Falar na poesia enquanto *operator* poético me parece mais potente, uma espécie de maquinaria capaz de operar aberturas e fechamentos dos estratos, territorilizando e desterritorizando espaços ou práticas curriculares sedimentadas. A poesia passa a não ser mais um produto (poético) de oficinas, mas operadora de movimentos, produzindo disrupturas na cadência esperada dos dias, uma nova modulação aos tic-tacs a que estamos submetidos no somatório das aulas. Entretanto, ao mesmo tempo em que se busca tais irrupções, estas soam diabólicas ao cotidiano curricular. Tratemos de entendê-las.

De forma a tornar mais clara esta posição, apresento-lhes um esboço de diagrama possível acerca do campo de forças relacionados ao cotidiano curricular. Se formos considerar a superfície de um currículo, quatro me parecem as suas dimensões: 1) *Dimensão Ontológica*: o que é este currículo? De que currículo estamos falando? - esta dimensão retira o currículo do seu lugar de qualquer um e pergunta pelas suas especificidades, direcionados

Currículo, cadê a poesia?

a uma aprendizagem, à formação de uma determinada aptidão, competência, etc; 2) *Dimensão Pedagógica*: o que, como e com o que esse currículo ensina? Que relação estabelece com as didáticas nele implicadas? - este campo diz respeito às estratégias pedagógicas de determinado currículo, de que forma as competências/habilidades serão trabalhadas didaticamente; 3) *Dimensão Ética*: para que(m) se ensina? - trata-se de perguntar pelos modos de vida que este currículo favorece, assim como os que ele exclui; 4) *Dimensão Política*: como esse currículo se desloca? Quais são suas táticas e estratégias? Que tipo de relação de poder coloca em jogo? Qual sua relação com o aparelho de estado? Tais dimensões devem ser consideradas como linhas de um mesmo tecido, ainda que determinados currículos priorizem uma dimensão ou outra. A poesia, enquanto irrupção do/no cotidiano, é isto que, pontiagudo, dá a ser visto e puxado, trazendo consigo toda a trama que nela está impregnada. Não se trata de denunciar, mas de dar a ver, de tornar conciso, denso, o urgente instante que carrega as quatro dimensões e relações que estabelecem entre si. Ora, a cada pontuação, a cada nova imagem ou expressão, a poesia, seja esta uma palavra, um gesto ou mesmo um estranhamento, coloca em cena a trama toda, ainda que urgente e prestes a desaparecer no densenrolar dos dias. A aluna que diz 'nunca ter sido boa com rimas' faz do seu enunciado um operador poético. Na urgência de sua fala a imagem esburacada de um currículo que pede pela excelência, que faz do diferente o não-apto, que produz táticas de resistência diante do novo. É como se, naquele breve instante de fala, naquele enunciado-poética, puxássemos o fio solto de uma malha, dando a enrugar toda a superfície do tecido. Naquela ponta de rugosidade, por mais efêmera ou grosseira que seja, está contida a trama toda dos fios que a compõem. É possível que a linha arrebente e que tudo retorne ao normal. Aliás, o esperado é que a superfície se torne novamente lisa, pronta para o uso. Eis o sentido do cotidiano, um retornar incessante para dele se fazer uso. Eis o sentido do *operator* poético, o de enrugá-lo, de criar novas zonas de contato, aproximar

Parafernália II

os fios e, por vezes, arreventá-los – mesmo sendo, sua ponta, parte daquilo que é puxado.

Em outras palavras, é no cotidiano (e para e contra o cotidiano) que a poesia é produzida. O mesmo para a poesia em relação ao currículo. Por mais feio, triste ou preocupante, tratemos, pois, de nos tornarmos mais íntimos daquilo que nos circunda. E se um dia alguém novamente perguntar ao currículo, ou mesmo o currículo perguntar a si mesmo, 'cadê a poesia?', este não tardará a responder: 'aqui'. Então não precisaremos mais sair à cata de leveza. É o que sinceramente eu espero.

Referências

BARROS, Manoel. O livro das ignoranças. In:_____. Poesia completa. São Paulo: Leia, 2010 (p. 299 – 324).

BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita 2: a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007.

BROSSA, Joan. Poesia vista. São Paulo: Amauta Editorial, 2005.

COSTA, Luciano Bedin. GAI, Daniele Noal. Na cutícula da psicologia da educação: encontros entre poesia e epistemologia. In: MUNHOZ, A; ROSA, D; BERSCH, M; ISSE, S. Diálogos na pedagogia: coletâneas, vol. 1 – Currículo. Lajeado: Editora Univates, 2012.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MARQUES, Ana Martins. A vida submarina. Belo Horizonte: Scriptum, 2009.

SANT'ANNA, Alice. Rabo de Baleia: Cosac Naify, 2013.